

PATRIMÔNIO Com importância histórica, ali residiam os governadores gerais, vice-reis. Era chamado de Casa do Governo

Palácio Rio Branco abriga memória institucional do estado da Bahia



Palácio Rio Branco, na praça Municipal, já esteve entre as edificações mais importantes da primeira capital do Brasil e hoje abriga o Memorial dos Governadores

BEATRIZ ALMEIDA
A TARDE BA

Preservando a história da governança, o Palácio Rio Branco, que já esteve entre as edificações mais importantes da primeira capital brasileira, hoje é conhecido pelo Memorial dos Governadores. Além de documentos oficiais, fotos e objetos pessoais dos ex-governadores, o espaço também tem acervo de esculturas e salões mobiliários, disponíveis para visitação.

Para o arquiteto e historiador Francisco Senna, "é um lugar de imensa importância histórica, porque ali residiam os governadores gerais do Brasil e vice-reis, enquanto Salvador foi capital do país, era chamado de Casa do Governo".

Situado na primeira praça da cidade, a Praça Municipal, e fundado por Thomé de Souza, o prédio nasceu simples e térreo, em um período de grandes construções, como o Mosteiro de São Bento, a Catedral Basílica e o Forte São Marcelo.

Só se tornou palácio depois de ser reconstruído, em 1919, em detrimento de um incêndio seguido de bombardeio, que destruiu toda edificação. O ataque foi responsável pela perda de importantes documentos oficiais da história da cidade, mas também possibilitou o surgimento da Biblioteca dos Barris, antes situada dentro do local.

O também professor da faculdade de arquitetura e urbanismo da Universidade Federal da Bahia (Ufba), Fran-

Espaço também tem esculturas e salões mobiliários, disponíveis para visitação

A Sala Pompeiana é uma das mais antigas e se manteve após destruição

cisco Senna, explica "a biblioteca pública ficava na ala direita do palácio dos governadores, mas com o bombardeio e toda destruição foi necessário mudar de local".

Evolução

Segundo a técnica do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (Ipac), Lígia Larcher, a casa, construída em 1549, era feita de taipa, poucos anos depois foi reedificado em alvenaria, o que dá início às cuidadas restaurações.

"As reformas mais recentes, realizadas no Palácio, se basearam em critérios adequados do ponto de vista da restauração de monumen-



O local abriga documentos oficiais, fotos e objetos pessoais de ex-governantes

tos, o que favoreceu a preservação dos seus elementos arquitetônicos e artísticos, permitindo a continuidade de uma relevante edificação, não só do ponto de vista local, mas também regional e até nacional".

A técnica ainda contou sobre a única sala que se manteve com a destruição, a Sala Pompeiana, "é uma das mais antigas do Palácio, pois só brevemente ao incêndio de 1911 e ao bombardeio de 1912. Sua decoração homenageia a extinta civilização de Pompéia, e no centro das paredes principais, uma moldura de barro grega, onde um losango e uma flor se alternam, contém duas mulheres em ta-

manho natural, sendo uma delas a mitológica Bacante".

Memorial

Fundado em 1986, como o embrião da Fundação Pedro Calmon e do Centro de Memórias da Bahia, o Memorial dos Governadores tem como objetivo principal preservar a memória institucional do estado, assim mantendo a lembrança dos ex-governadores da Bahia.

"Tem sido atualizado durante os anos, recebendo dos familiares e até dos próprios ex-governadores, seus documentos e acervo pessoal, o que eles identificam como importante para sua memória", explica o diretor do Centro de

Memória, Rafael Fontes.

Para ele, é um espaço fundamental quando se fala em grupos e disputas políticas, a base do que constitui a Bahia, se tornando imprescindível para entender as alianças políticas que fazem parte do desenvolvimento do estado.

"Manter o memorial é uma estratégia de preservação da cultura institucional e, agora, o nosso grande desafio é contextualizar o visitante do conhecimento histórico que o centro produz. Estamos pensando em uma museologia social para aquele espaço, e por isso desenvolvemos um projeto de exposições temporárias so-

bre governadores. A ideia é também é reconquistar o público escolar e retomar essas visitas", explica Fontes.

Para o estudioso de patrimônios do centro histórico de Salvador, Ernesto Carvalho, uma outra forma de manter a relevância do espaço, é a ocupação de instituições voltadas a cultura.

"A ocupação pela Secretaria de Cultura é um exemplo a ser seguido por outras secretarias, de forma a aproximá-las mais do centro histórico, desde que estas não degradem fisicamente o espaço. Fundações ligadas a cultura e ao social devem ser consideradas como forma de incentivar a ocupação do centro da cidade e dar vida à essas edificações", explica Ernesto Carvalho, também diretor de patrimônio da "Casa da Ponte", uma organização não governamental ligada a patrimônio histórico e musical.

O mesmo foi consultor de restauro do projeto de conservação do Palácio Rio Branco, desenvolvido em 2009, e relembra, "para um restaurador de arquitetura é um duplo processo. Deve se considerar de um lado, a matéria da qual a edificação é feita e como a mesma muda do período de 1549 até a data da restauração, sabendo combinar a de vida crítica referente a representatividade histórica, política e social do edifício no contexto da cidade. A representatividade histórica e arquitetônica do palácio é inquestionável. É um grande guardião de nossa memória", finaliza o restaurador.



Edificação histórica tornou-se palácio depois de ser reconstruído no ano de 1919



O projeto de conservação do Palácio Rio Branco foi desenvolvido no ano de 2009